| Data: | **16 de outubro de 2024** |
| --- | --- |
| Local: | Windsor Guanabara Hotel - Centro, Rio de Janeiro-RJ |
| Sala: | Plenária |
| Grupo de Trabalho (GT): | Plenária abertura |
| Horário de início: | 09h00 |
| Horário de término: | 11h20 |
| Quantidade de presentes: | 96 pessoas |
| Relatoras: | Carla Trindade e Yasmim Viana |

**Carolina Tojal,** O seminário sobre o Observatório de Saúde da População Negra tem como objetivo estabelecer coletivamente, por meio da participação de gestores, pesquisadores, usuários, trabalhadores da saúde, movimentos sociais e da sociedade civil, seu marco conceitual e estrutural. Essa ação faz parte de um conjunto de intervenções da estratégia antirracista "Saúde sem Racismo", promovida pelo Ministério da Saúde, representado pelo assessor-chefe Luís Eduardo Batista, da Assessoria para a Equidade Racial do Ministério da Saúde. Em 28 de dezembro de 2023, foi celebrado o Termo de Execução Descentralizada (TED) número 166/2023, entre a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/Brasília) e o Ministério da Saúde, com o objetivo de fortalecer a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra e desenvolver e monitorar ações de enfrentamento ao racismo.

Neste contexto, dos cinco eixos, o Eixo II se refere ao Monitoramento e à Avaliação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, e tem como coordenadoras as professoras e pesquisadoras Profa. Dra. Marly Marques da Cruz, da ENSP/FIOCRUZ, e Profa. Dra. Marcia P. Alves dos Santos, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Elas lideram um grupo de trabalho engajado, comprometido e composto pelos pesquisadores Ana Paula Cunha, Laurenice Pires, Fernando Domene, Maria Cândida Queiroz, Ana Paula Braga,

Rony Coelho, Gisele Martins Gomes, Izaide Ribeiro dos Santos, Sara Passos e Thaís Riguete. Para que estivéssemos aqui, somou-se a este grupo de trabalho a Assessoria de Comunicação do Gabinete do Ministério da Saúde (ASCOM), nas pessoas de Carlos Girão e Augusto Barros, responsáveis pelas peças da identidade visual do seminário, que, por sinal, são belíssimas, e Ana Freire, na cobertura jornalística. Também contamos com a Assessoria de Eventos, do Gabinete do Ministério da Saúde, na pessoa de Ana Cristina Torres, e a Assessoria de Equidade do Ministério da Saúde, nas pessoas de Maria Taíres e Vinícius Torres, com quem a interação foi direta, além de Vitória Cristina, Yuri Santos, Mateus Brito, Stephany Damasceno, Marcelle Pernet e Gabriella Mendes. Agradecemos também a Alexandra, Marluce e Gabriella, da H&L. A todos, nosso muito obrigada.

Hoje, o time se completa com a presença de cada pessoa que atendeu ao nosso chamado. Por isso, pela nossa ancestralidade, por nós e pelos que virão, expressamos nossa gratidão. E, para dar início a esta grande reunião de trabalho, convido as autoridades a tomarem seus assentos e a proferirem suas palavras de boas-vindas. Lembro que senhoras e senhores terão três minutos de fala.

*Composição da mesa:*

**Luis Eduardo Batista** é assessor para equidade racial do Gabinete da Ministra da Saúde, no Ministério da Saúde. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com pós-doutorado pela Escola de Enfermagem da USP. Foi pesquisador científico da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo e assessor para equidade racial em saúde no Ministério da Saúde. Coordenou a área técnica de saúde da população negra da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo e foi membro do Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde. Atuou na Comissão de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e é membro e ex-coordenador do GT Racismo e Saúde da Abrasco. Integra o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Políticas Públicas de Saúde Mental do Instituto de Estudos Avançados da USP.

**Aila Vanessa de Oliveira Souza** é advogada formada pela UFMG, especialista em Gestão Pública, com vasta experiência em gestão administrativa, financeira e cooperação internacional. Atua na Administração Pública Direta e Indireta nas esferas federal, estadual e municipal desde 1994. Anteriormente, foi Diretora do Programa da Secretaria Executiva e Ouvidoria Geral Interina substituta da Ouvidoria Geral do SUS, no Ministério da Saúde. Atualmente, é Assessora Técnica Especialista em Gestão e Desenvolvimento Institucional da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz/Brasília. Foi Superintendente de Planejamento, Orçamento e Finanças da Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social de Minas Gerais e Coordenadora Geral de Documentação e Logística do Projeto Mais Médicos para o Brasil, da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde do Ministério da Saúde. Também foi Diretora de Gestão Interna da Escola Nacional de Administração Pública, Diretora de Projetos Internacionais, Diretora de Formação de Agentes Públicos e Sociais e Coordenadora Geral de Formação e Treinamento no Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Atuou como Consultora Técnica da FAO em Avaliação de Políticas Públicas e Assessora Jurídica da Empresa de Informática e Informação da Prefeitura de Belo Horizonte e da Secretaria Municipal de Administração de Belo Horizonte.

**Hilda Gomes**, representante do Presidente da Fiocruz, responde pela Coordenação de Equidade, Diversidade, Inclusão e Políticas Afirmativas (Cedipa), vinculada à Presidência da Fiocruz. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense, possui vasta experiência como professora de graduação em Pedagogia na rede pública e privada. É tecnologista em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz e integrou a coordenação colegiada dos comitês Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência e o de Pró-Equidade de Gênero e Raça. É docente dos programas de pós-graduação lato sensu da Fiocruz: Divulgação e Popularização da Ciência/Casa de Oswaldo Cruz (COC); Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão/DIHS/ENSP; e Ciência, Arte e Cultura na Saúde/IOC. Coordena, junto com Aline Pessoa/COC, o Projeto Meninas Negras na Ciência: A Divulgação Científica como Estratégia de Promoção da Saúde, Cidadania e Empoderamento. É membra da Comissão Permanente de Avaliação/CPA da Fiocruz e participa da Comissão de Heteroidentificação Racial da COC.

**Cecília Maria Izidoro Pinto** é Superintendente Adjunta da Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade da UFRJ. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), é atualmente professora associada I da Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ) e diretora acadêmica da Divisão de Enfermagem do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. É membra da Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização (SOBEC), membra fundadora da Sociedade Brasileira para Qualidade do Cuidado e Segurança do Paciente (SOBRASP) e da Sociedade Brasileira de Dor (SBED). Integra a Câmara de Políticas Raciais e a Comissão de Heteroidentificação da UFRJ, além de atuar como professora coordenadora da Liga Acadêmica de Enfermagem em Saúde da População Negra e da Disciplina Tópicos em Relações Étnico-Raciais no contexto da saúde.

**Marco Menezes** é Diretor da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz). Graduado em Ciências Biológicas, é especialista em Bioquímica e Saúde do Trabalhador. Mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, tem experiência nos processos de vigilância em saúde do trabalhador e ambiental, com ênfase na avaliação da exposição humana a substâncias químicas. Atuou no campo das relações entre saúde, trabalho e ambiente. É tecnologista em Saúde Pública da Fiocruz e foi Vice-Presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da instituição.

**Denise Oliveira e Silva** é Pesquisadora Titular da Diretoria Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz. Possui mestrado em Ciência da Alimentação pela Universidade de Gand, Bélgica (1992), mestrado em Ciências da Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz (1995), doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (2000) e pós-doutorado em Antropologia da Alimentação pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França (2012). É professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Diretoria Regional da Fiocruz, em Brasília, e professora associada ao Programa de Nutrição Humana da Universidade de Brasília. Coordena o Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares da Rede Interinstitucional de Alimentação e Cultura.

**Marly Marques da Cruz** (ENSP/FIOCRUZ – Coordenadora do Eixo 2) é doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/FIOCRUZ) e pós-doutora em Ciências da Saúde pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical/Universidade Nova de Lisboa. É pesquisadora titular em saúde pública do Departamento de Endemias Samuel Pessoa (DENSP/ENSP) e docente permanente dos Programas de Pós-Graduação Acadêmico e Mestrado Profissional em Saúde Pública da ENSP/Fiocruz. É líder do grupo de pesquisa de Avaliação de Políticas e Programas de Controle de Processos Endêmicos certificado pelo CNPq. Integra os Grupos Temáticos de Avaliação em Saúde e Racismo e Saúde da Abrasco e o GT Diversidade e Equidade da ENSP. Participa da Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação e compõe a Comissão Permanente de Diversidade e Equidade da ENSP. Atualmente, coordena a pesquisa Avaliação da Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra para a garantia do acesso e equidade no Estado do Rio de Janeiro e também coordena o Eixo de Monitoramento e Avaliação da PNSIPN no TED da Fiocruz.

**Márcia Pereira Alves dos Santos** é doutora em Odontologia/Odontopediatria pela Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Alumni de Harvard Medical School (Certificate Program Effective Writing for Health Care), Boston, EUA. Docente permanente e pesquisadora do PPG/MPO FOUFRJ, da ENSP/Fiocruz e do curso de especialização em Saúde Coletiva em Odontologia na FOUFRJ. Coordenadora adjunta da pesquisa "Avaliação da Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra para a garantia do acesso e equidade no Estado do Rio de Janeiro". Está vinculada ao grupo de pesquisa “Avaliação de Políticas e Programas de Controle de Processos Endêmicos” do CNPq. Membra da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO), da International American Dental Association (IADR), do GT Racismo e Saúde e do GT Saúde Bucal Coletiva, ambos da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Participa do Observatório Ibero-Americano de Políticas Públicas para Saúde Bucal (USP/UNB). É coordenadora da Área Técnica para Saúde das Pessoas com Doença Falciforme, na Superintendência de Atenção Primária e Vigilância em Saúde, da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro. Membra do Global Sickle Cell Disease Network e do Programme for Global Paediatric Research. Além disso, integra o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da SES/RJ e coordena o Eixo de Monitoramento e Avaliação da PNSIPN no TED da Fiocruz.

*Por fim, convidamos Heliana Hemetério dos Santos para compor a mesa.*

**Heliana Hemetério dos Santos** é historiadora, pós-graduada pela UFRJ, com especialização em Gênero, Raça e Sexualidade, focada na violência racista e homofóbica. É Conselheira Nacional de Saúde, Vice-Presidenta da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis (ABGLT), integrante da Rede de Mulheres Negras do Paraná e do Coletivo de Lésbicas Negras.

*Convidamos agora Márcia Pereira Alves dos Santos para iniciar sua fala.*

É dada a palavra a Márcia Pereira, que saúda todas, todos e todes os presentes. Ela cumprimenta inicialmente o professor doutor Luis Eduardo Batista e, em seu nome, saúda todos os gestores institucionais aqui representados. Também cumprimenta a professora Hilda Gomes, representante da Presidência da Fiocruz, e, em seu nome, saúda todos os pesquisadores, professores e todos aqueles que se dedicam à profissão do conhecimento como algo de grande potência de entrega da ENSP/Fiocruz. Saúda a professora Cecília Isidoro, destacando a necessidade dos múltiplos olhares das parcerias interinstitucionais, como representante da UFRJ, e reconhece na presença dela a força dessa interlocução. Particularmente, cumprimenta a representação da participação social, que é o pilar estruturante do SUS e o ponto essencial deste encontro. Mesmo sendo um encontro de trabalho, ele é alimentado pelo afeto do reencontro e inspirado nas nossas referências, que poderiam ser enumeradas, mas que, sobretudo, carregam um sentimento de coletividade em nossa luta, com um corpo único, reconhecendo nossa individualidade e especificidade. O movimento coletivo, potente, tem um grande potencial de transformação.

Ela expressa sua felicidade pela presença de todos, ressaltando que o convite foi feito de maneira cuidadosa, reconhecendo a colaboração única e potente de cada um e cada uma das senhoras e senhores presentes. Saúda o grupo de trabalho do Eixo 2 do TED, que ajudou na construção do Seminário e que lhe enche de orgulho. Ela externa que é um prazer e uma honra trabalhar com eles. Desde já, esclarece que este Seminário é o início de um grande grupo de trabalho, uma potência que ela acredita que o Observatório trará, como inovação. E não uma inovação tecnológica por si só, mas, sobretudo, como disparadora de uma nova potencialidade de comunicação. Uma comunicação que garanta o direito à saúde. Ela salienta que o grupo se reuniu com base na crença de que, enquanto houver racismo, em suas inúmeras expressões, dimensões e conceitos, não haverá democracia, vida plena ou pleno gozo da cidadania. É nesse sentido que o grupo concebe o Observatório como uma ferramenta de grande potência.

Passa-se a palavra para **Marly Matos da Cruz**, que saúda a todas e todos os presentes e salienta o grande prazer que é tê-los neste Seminário. Em seguida, faz a sua autodescrição: “Sou uma mulher preta, uso óculos, tenho olhos bem escuros e cabelo bem curto e encaracolado. Tenho uma covinha no lado direito e um sorriso largo.” Feito isso, ela inicia pedindo licença aos mais velhos e cumprimenta os colegas que compõem a roda: Denise Oliveira, da Fiocruz Brasília; Aila; Luis Eduardo, que tem sido um grande parceiro nessa jornada; Hilda Gomes, representante do presidente da Fiocruz, Mario Moreira; Cecília Izidoro, parceira de longa data; Marcos Menezes, seu chefe, a quem agradece todo o apoio que ele e a ENSP oferecem a um projeto como este Seminário; Eliana, do Conselho Nacional, com quem tem mantido uma parceria muito próxima.

Além de cumprimentar os colegas da roda, gostaria de saudar as seguintes pessoas: Ana Paula Cunha, Ana Paula Braga, Cândida Queiroz, Fernando Domene, Gisele Gomes, Laurenice Pires, Rony Coelho, Sara Cristina, Thais Rigueti e Izaide Ribeiro, que compõem a equipe do Eixo 2 e que lhe dão muito orgulho e inspiração por serem muito criativos e potentes. Agradece igualmente a presença de todos no Seminário para a construção coletiva do marco conceitual e estrutural do Observatório. O Seminário também permite a criação de uma rede ativa que possa alimentar este Observatório, que, segundo ela, não pertence apenas aos responsáveis por sua implementação, mas sim à coletividade. “Ele é nosso. Ele é nosso na concepção. Ele é nosso na alimentação, porque ele terá um caminhar. Não pode parar aqui enquanto concepção de construção, e por isso digo que ele é nosso.”

Ela destaca que o Observatório está inserido em uma estratégia de saúde sem racismo. Na realidade, tudo é produzido sob essa perspectiva, e, por isso, não há o que nos separe, mas o que nos une. Nisso há muita potência. Há muita força no que pode ser compartilhado em termos de saber, informação, conhecimento e práticas. Aproveita a oportunidade para esclarecer que o Eixo de Monitoramento e Avaliação não abrange apenas o Observatório; há outras atividades no Eixo 2. Agradece também a todos que têm contribuído com o inquérito nacional, que será finalizado em 30 de outubro. O objetivo do inquérito nacional é verificar o status da implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). O inquérito está sendo realizado junto às Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, e já obteve mais de 2 mil respostas. Inicialmente, a adesão foi baixa, mas o fato de já terem alcançado 2 mil respostas em um universo de 5.570 municípios é um grande marco, permitindo um bom retrato de como está a implementação da PNSIPN.

Ela menciona ainda que todo o projeto começou com uma iniciativa da ENSP, que fomenta a pesquisa. Inicialmente, a ideia era criar um painel de indicadores de saúde da população negra, que já está pronto, mas será integrado ao Observatório. Isso permitirá o acesso a uma série de indicadores relacionados exclusivamente à saúde da população negra. Assim, é importante observar o desdobramento dessa perspectiva, que começou pequena, mas tem crescido. Para finalizar, esclarece que a dinâmica do Seminário será explicada mais adiante, mas gostaria de registrar e agradecer a Márcia Alves, que é uma pessoa de inteligência e agilidade ímpar.

Márcia é uma inspiração para o grupo, e ela se sente honrada por dividir a coordenação com ela. Finaliza dizendo que sua expectativa e desejo é que todos estejam juntos e juntas, sem ver o Observatório como uma construção individual, mas sim compartilhada. Encerrando sua fala, menciona que a expectativa é que o protótipo do Observatório seja lançado em 20 de novembro, data simbólica, e que, no primeiro semestre de 2025, ele já esteja em funcionamento.

Transmite-se a palavra para **Heliana Hemetério dos Santos**, que saúda a todos, todas e todes. Ela esclarece que é do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e, no momento, integra a Mesa Diretora do Conselho, que tem um projeto antirracista. É a primeira vez que há pessoas negras na Mesa Diretora do Conselho Nacional de Saúde, apesar de seus anos de existência. Heliana pontua que foi feita uma campanha dentro do Conselho apontando que ele era racista e que isso precisava mudar. Era necessário que houvesse mulheres negras na próxima Mesa Diretora, e, atualmente, há duas: ela, Heliana Hemetério dos Santos, e Ana Lúcia Marçal Paduello. No Conselho Nacional de Saúde, fala-se muito sobre doenças, mas pouco sobre saúde. Para ela, saúde significa estar ali, como mulher negra, falando como mulher negra e firmando esse lugar. “Sou uma mulher que vai fazer 73 anos no próximo mês. Sou ativista há 40 anos.”

Nesse momento, ela pede desculpas por não ter cumprimentado a mesa e por não ter feito sua audiodescrição, que faz em seguida: “Sou uma mulher negra, idosa, de cabelos brancos.” Continua sua fala dizendo que estar na Mesa Diretora do CNS não foi fácil; foi um projeto para estar ali. Ela está ali como usuária e integra o Controle Social. Enfatiza que o Conselho é composto por pessoas racistas e pessoas antirracistas. Afirma que está na moda ser antirracista, mas nem todos o são, de fato. Há muita teoria e pouca prática antirracista dentro do Conselho. Heliana menciona que, após tantos anos de ativismo, parece que nada é novo, que tudo o que se discute hoje já vem sendo discutido há muito tempo, e que a luta contra o racismo parece interminável. Para ela, é fundamental trabalhar a questão racial, e por isso, o seminário propõe um Observatório antirracista, que será lançado em breve e discutido com outros participantes. A luta contra o racismo continuará, dialogando com a branquitude, que se reinventa e se reorganiza a cada dia. Heliana finaliza dizendo que a população negra deve estar atenta para não ser enganada pelos discursos da branquitude. “Escute o que eles falam, pense no que eles disseram, e espere o segundo momento, quando eles trarão uma nova mensagem, e nós continuaremos nossa luta de outra maneira. A gente se reinventa todos os dias como militantes dessa luta antirracista. O que posso deixar para vocês é que a esperança não nos abandone.”

A cerimonialista convida **Denise Oliveira e Silva** a iniciar sua fala. Denise saúda a todos, todas e todes, e cumprimenta Luis Eduardo Batista, hoje assessor para equidade racial. Ela expressa o quanto é gratificante ver uma estrutura de governo assumir uma assessoria para equidade racial, louvando a Luís e a todos os presentes. Continua dizendo que foi um grande desafio para a Fiocruz apoiar uma ação de governo e Estado, com todas as inseguranças envolvidas. Ela afirma que a luta contra o racismo é inglória, inclusive dentro da própria Fiocruz, e que reconhecer isso é fundamental para entender que o apoio a uma ação deve ser do ponto de vista estratégico. Não pode ser apenas um trabalho pontual, encerrado com o fim de um TED. É preciso mudar muitos processos epistêmicos dentro da Fiocruz, pois a branquitude tem uma criatividade indecentemente forte e ainda ocupa espaços na ciência. A Fiocruz precisa superar isso.

Passa-se a palavra para **Marcos Menezes**, que saúda a todos, todas e todes e inicia sua fala fazendo sua autodescrição: “Sou um homem branco, de pele morena, cabelo preto liso, vestindo uma blusa lilás clara, com um blazer cinza por cima, e um pin dos 70 anos da ENSP, além de um Zé Gotinha cadeirante.” Em seguida, diz que é uma honra fazer parte do Seminário e cumprimenta todos os que compõem a mesa, nas pessoas de Luis Eduardo Batista e Heliana Hemetério dos Santos, dos movimentos sociais. Cumprimenta também Marly Marques da Cruz, que tem contribuído muito para que a ENSP avance na pauta antirracista. Ressalta a importância desta iniciativa para a ENSP e de sua participação no Seminário. Destaca a grande expectativa em torno da estruturação do Observatório e de seus processos. Pontua que o diálogo envolvendo a estruturação do Observatório com o governo federal, sociedade civil e movimentos sociais é uma marca muito importante para o início dessa nova fase de trabalho. Cumprimenta todos os integrantes da ENSP que estão presentes no Seminário, nas pessoas de Fátima e Lúcia, Vice-Presidentes da Escola. A expectativa é muito grande, pois o Observatório mobilizará e fortalecerá agendas de grande relevância. Ele ressalta que, na comemoração dos 70 anos da ENSP, ocorrida em setembro de 2024, houve um debate intenso dentro da Escola sobre interseccionalidade, destacando como isso é fundamental para enfrentar o lema do aniversário da Escola: a reparação histórica, o enfrentamento das desigualdades e a construção do comum. Muitas atividades têm sido realizadas, envolvendo temas como racismo estrutural, institucional e ambiental, tanto na ENSP quanto na Fiocruz como um todo. Estes são temas que impactam toda a sociedade. O Observatório tem o potencial de ser um instrumento de mobilização, articulação e reflexão social, além de contribuir para a atuação institucional e dos movimentos sociais, promovendo a transformação da realidade. Lembra, ainda, que Luis Eduardo Batista afirmou, em outro Seminário no início do ano, que a luta antirracista está apenas começando. Após as eleições municipais de 2024, é necessário ampliar o diálogo com a sociedade e com o parlamento sobre políticas públicas e os recursos destinados a elas, sobretudo sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). O Observatório permitirá, também, um diálogo significativo com a Comissão Permanente de Equidade e Diversidade da ENSP. Finaliza afirmando que o Observatório será fundamental para fortalecer essa incidência política, que é crucial para o diálogo com a sociedade, e parabeniza todos pela iniciativa.

**Cecília Maria Isidoro** toma a palavra, saudando todos com um bom dia. Primeiramente, agradece o convite e à mesa, nas pessoas de Marcia Pereira Alves dos Santos e Marly Marques da Cruz, pelo belíssimo trabalho que estão realizando, e ao professor Luis Eduardo Batista, representante do Ministério da Saúde. “Falo aqui nessa quarta-feira de Xangô, e que a Justiça de Oyá nos dê coragem e 48 horas de confluência positiva de nossa energia, para que nosso compartilhamento preto possa lutar por nossa saúde.” Pontua que, em seus anos de atuação como enfermeira, viu sua população sofrer com a falta de cuidado. A enfermagem é uma mulher preta, e essa mulher preta também está desassistida. Ela é, inclusive, usuária do SUS. Em seguida, informa que está representando Roberto de Andrade Medronho, reitor da UFRJ, e que essa parceria está sendo firmada pelo afeto e pela produção. Uma produção ainda muito incipiente na área da saúde da população negra. No ano passado, na semana científica, dos 2.500 trabalhos apresentados em saúde, apenas 108 abordavam, de alguma forma, a saúde da população negra. Portanto, a luta é muito grande. Esse Observatório ajudará a observar onde está nossa produção e nossa epistemologia. Após escutar as falas dos colegas sobre o racismo, cita uma frase de Arísia Barros: “O racismo é um camaleão poliglota.” “Ele vai criando novas línguas, usando nossa linguagem, evocando a ancestralidade sempre que entra em uma palestra; ele se atualiza. E nós também precisamos nos atualizar para estar à frente dele.” Pontua, ainda, que a UFRJ está engatinhando no antirracismo. A professora representa a Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade da UFRJ, que surgiu do movimento de estudantes e docentes negros. Encerra agradecendo por estar ali, representando a universidade, e fica feliz em ver alunos dela participando do Seminário. O mestre tem que ser superado. E parafraseando Jurema Werneck: se a população negra for bem atendida no SUS, toda a população, seja branca, negra ou indígena, será bem atendida. “O SUS tem que ser uma política de vida, para todas as vidas. Axé!”

A palavra é transmitida a **Hilda Gomes**, que cumprimenta todas as pessoas presentes com um bom dia. Inicia fazendo sua autodescrição: “Eu sou uma mulher negra, uso cabelo com tranças nagô. Estou vestindo uma calça branca, blusa branca, um casaquinho verde, e uso óculos. Sou mãe de três filhos pretos: Pedro, Mariah e Miguel, que tentei criar em um ambiente menos hostil por conta do racismo.” Agradece o convite e menciona o quanto é emocionante estar ali no Seminário. Saúda a mesa e pontua que, hoje, representa a presidência da Fiocruz, na ausência do presidente Mário Moreira. Aproveita a fala de Cecília para dizer que, atualmente, é coordenadora da Coordenação de Equidade, Diversidade, Inclusão e Políticas Afirmativas (Cedipa), vinculada à Presidência da Fiocruz. Essa coordenação nasceu da articulação de dois comitês: o Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça e o Comitê pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência, além do coletivo de mulheres pretas da Fiocruz. Os desafios são imensos e constantes. Em seguida, lê a seguinte fala: “O SUS foi criado em 1988 pela Constituição Cidadã, que considerou a saúde um direito de cidadania e um dever do Estado. Possui vários princípios, sendo alguns deles muito importantes: a integralidade (o atendimento deve ser completo), a universalidade (todos os brasileiros têm direito à saúde, independentemente de raça, sexualidade, ocupação ou outras características) e a equidade (o objetivo é diminuir as desigualdades, investindo mais onde a carência é maior). Em 2009, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) foi criada para garantir a equidade na saúde da população negra, com o objetivo de reduzir as desigualdades étnico-raciais, combater o racismo no SUS, garantir o acesso à saúde da população negra em áreas urbanas e rurais, incluir o tema do racismo na educação e formação de profissionais de saúde, melhorar a qualidade do sistema de informação do SUS e monitorar e avaliar os indicadores de saúde da população negra. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que ‘saúde mental é um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo’. Pensando na população negra, é importante questionar de que formas ela consegue ser atendida pelo SUS em sua integralidade, como é atendida pela PNSIPN e como, em especial, sua saúde mental é protegida e preservada. Essas são questões que o Estado precisa melhorar, para quem está aqui hoje e, principalmente, para as gerações futuras. Temos um grande desafio, dado a complexidade e sofisticação do racismo, que se amplia em suas garras e especificidades. O ponto positivo é que sempre buscamos nos aquilombar e apostamos na opção coletiva para romper com a cultura institucional.” Para finalizar, aproveita o fato de que o dia 15/10 foi o dia dos professores e professoras para citar Antonieta de Barros, mulher negra, que nasceu em 1901 e morreu em 1952. Ela foi educadora, escritora, jornalista e política catarinense, filha de uma ex-escravizada, que aprendeu a ler e escrever, formou-se como educadora e viu a educação como meio de transformação social. Criou uma escola para alfabetizar pessoas carentes. Ficou conhecida como escritora, jornalista e ativista em Santa Catarina, defendendo a educação e lutando contra o racismo. Foi deputada estadual por dois mandatos e propôs a criação do Dia do Professor. Ontem, estive em um evento na Fiocruz, na abertura da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, e a professora Rosy Isaias (UFMG) foi homenageada por ser a primeira pesquisadora negra a atingir o nível 1A no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o mais alto nível de reconhecimento acadêmico do país. Isso não deveria ser uma exceção, mas, infelizmente, ela é a primeira.” Nesse momento, cita a poetisa do Malawi Upile Chisala, que vive na África do Sul e tem 30 anos: “Aí está você, negra e mulher, apaixonada por si mesma. Você é aterrorizantemente incrível. E eles, a branquitude, ficam incrivelmente aterrorizados. E devem ficar mesmo.

Passa-se a palavra para **Aila Vanessa de Oliveira Souza**, que saúda todas as pessoas presentes. Ela diz estar muito emocionada e honrada pelo convite. Na pessoa de Luis Eduardo Batista, cumprimenta todos os docentes, pesquisadores, militantes, professores, gestores da saúde e os demais presentes. Faz uma menção especial a Denise, da Fiocruz, e a Heliana, com quem tem a honra de compartilhar o Conselho Nacional de Saúde. Agradece pelo aprendizado que teve com ambas, o que a conduziu a colaborar no processo de construção coletiva que será realizado neste Seminário. Ela destaca que é espantoso, para não dizer inaceitável, saber que, pela primeira vez, temos uma mulher preta como representante na Mesa Diretora do Conselho Nacional de Saúde, assim como a notícia da conquista da pesquisadora Rosy Isaias. No entanto, sente-se igualmente motivada, pois a equidade racial está no DNA do Presidente da República, da Ministra da Saúde e de todos nós, tornando o momento oportuno para a materialização da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. O primeiro passo já foi dado. O Observatório será um radar. Isso não pode ser uma política de governo apenas. É participação popular, que está registrada oficialmente nos documentos institucionais deste governo. Não se trata apenas do Ministério da Saúde, há uma orientação no Plano Plurianual do governo de que a participação popular faz parte da agenda de todos os Ministérios federais. Ela finaliza expressando sua gratidão por participar deste momento, destacando que a iniquidade no país tem sexo e cor, e isso precisa ser combatido e alterado. Deseja a todos um bom trabalho.

Para encerrar, passa-se a palavra para **Luis Eduardo Batista**, que saúda a todos os presentes com um bom dia. Ele inicia com sua autodescrição: “Sou um homem de cabelos brancos, uso óculos, estou de terno bege, camisa verde e sapato preto.” Menciona que atualmente atua na assessoria para equidade racial do Gabinete da Ministra da Saúde e que isso é uma conquista coletiva. Ele se junta a todos no fortalecimento da Política e no enfrentamento do racismo na saúde. Salienta que estar hoje no Gabinete da Ministra, como sempre se desejou, transversalizando a gestão, exige da própria Ministra, em determinados momentos, a imposição de força e estratégias. Em 2023, foi lançado o Boletim Epidemiológico de Saúde da População Negra, seguido de uma oficina com algumas das pessoas presentes neste Seminário. Aquele foi o primeiro momento. A partir daquela oficina, foi possível elaborar a primeira versão do que hoje chamamos de TED. Estar aqui hoje é uma das tarefas desenhadas lá atrás. Vocês pensaram o Observatório, e depois Marly e Marcia retrabalharam a estratégia; Eliane e Roberta trabalharam como isso seria para a gestão; Yuri e toda a equipe da Secretaria Executiva trabalharam para integrar isso dentro e fora do Ministério da Saúde e fortalecer as relações interfederativas. A tarefa destes dois dias de Seminário não é apenas refletir sobre o Observatório, mas também pensar estrategicamente em como fortalecer o processo de implementação da Política com os diversos olhares das 120 pessoas reunidas aqui. Ele destaca que essas 120 pessoas foram selecionadas por Marcia, Marly e o grupo do Ministério da Saúde, por entenderem que são fundamentais para o processo de enfrentamento do racismo e fortalecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Ele lembra que o Observatório não é apenas um observatório, mas uma estratégia.

Após as falas de saudação, solicita-se que todos tomem seus assentos para dar continuidade às atividades do Seminário sobre o Observatório de Saúde da População Negra.

Parafraseando Dona Ivone Lara, ao cantar "Foram me chamar, eu estou aqui o que é que há?", é hora de explicar o que esperamos de vocês. Convido, então, a Dra. Laurenice Pires e o Mestre Fernando Domene para nos mostrar de onde partimos na construção do marco referencial teórico e estrutural do Observatório.

**Laurenice Pires** é doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, com experiência em organizações sociais na área de saúde, desenvolvendo atividades de planejamento, gestão, política pública, advocacy e articulação de redes interinstitucionais. É membra do Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde, do Centro de Relações Internacionais em Saúde da Fiocruz. Também atua como coordenadora adjunta da especialização em Direitos Humanos, Relações Étnico-Raciais e Saúde no DIHS/ENSP/Fiocruz e mentora no Columbia Women's Leadership Network Program. É pesquisadora do Eixo de Monitoramento e Avaliação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra na ENSP/Fiocruz.

**Fernando Domene** é mestre em Servicios Públicos y Políticas Sociales pela Universidad de Salamanca, Espanha, e especialista em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde/SP. Atualmente, faz parte da equipe como pesquisador do Eixo de Monitoramento e Avaliação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra na ENSP/Fiocruz. Ao responder à pergunta "De onde partimos para estabelecer o marco teórico, conceitual e estrutural sobre o Observatório de Saúde da População Negra?" e ao mesmo tempo justificar a presença de convidados ilustres, antecipa-se que é na participação que nos encontramos para essa construção coletiva. Convido todos a acompanharem atentamente a análise situacional que não apenas apontará os caminhos, mas também orientará nosso trabalho.

Peço que as dúvidas, comentários e considerações sejam anotados no caderno entregue no credenciamento, para serem discutidos em momento oportuno.

Com a palavra, Dra. **Laurenice Pires**.

Bom dia a todos! Agradecemos pela oportunidade de estarmos aqui. Este é um momento histórico para discutirmos a construção coletiva de uma estratégia essencial, conforme mencionado pelo professor Luiz Eduardo, para avançar na saúde da população negra.

Nesta apresentação, discutiremos os resultados preliminares de nossa observação sobre o cenário dos observatórios de saúde e apresentaremos uma proposta metodológica que servirá como base para a construção do marco teórico da Oficina Patrona.

Dividiremos a apresentação em três etapas. Inicialmente, abordarei a metodologia e os achados iniciais, seguida por Fernando, que discutirá a busca literária relacionada aos observatórios de saúde.

Realizamos uma busca em 41 sites de observatórios, excluindo 9 que não atendiam aos critérios de nossa estratégia. Assim, restaram 32 sites analisáveis. Identificamos aspectos importantes, como:

A maioria dos observatórios é de gestão pública e aborda temas de saúde com foco em questões de vulnerabilidade social.

* Todos os observatórios analisados possuem alguma forma de comunicação, especialmente por meio de mídias sociais.
* 87% são financiados pelo setor público, com alguns recebendo suporte do terceiro setor e da iniciativa privada.
* 40,6% dos sites possuem ações de acessibilidade, embora a amplitude dessas ferramentas ainda seja limitada.

Fernando Domene assume a apresentação a partir deste ponto.

Ao todo, identificamos 606 estudos, dos quais 433 foram selecionados após a exclusão de duplicados e filtragem por título e resumo. Entre esses, 26 artigos foram analisados detalhadamente. Observamos que:

A maioria dos estudos é recente, publicada após 2020, e muitos são qualitativos.

O tema da saúde da população negra ainda é sub-representado, evidenciando uma lacuna significativa na literatura.

Estamos no início de um seminário que servirá para retroalimentar nossas análises e discussões. Um dos principais objetivos é construir coletivamente uma proposta de estruturação do Observatório, abordando temas como:

A definição do público-alvo e dos temas de atuação.

As estratégias de comunicação e acessibilidade necessárias.

O papel da sociedade civil na participação do observatório.

Esperamos que, ao final deste seminário, possamos avançar significativamente na definição da estrutura do Observatório, promovendo um espaço que não apenas estude, mas que também influencie políticas públicas em saúde. Contamos com a colaboração de todos para criar um modelo eficaz e inovador que atenda às necessidades da população negra. Muito obrigado e vamos ao trabalho!

Em seguida, os participantes foram organizados em grupos de trabalho, identificados por cores específicas em seus crachás, que faziam referência a figuras importantes da cultura negra. Essa estratégia facilitou a dinâmica de trabalho e homenageou personalidades como Tereza de Benguela, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Luiz Gama e Abdias do Nascimento, enriquecendo o ambiente com uma forte carga simbólica.

Cada grupo contou com a orientação de facilitadores do Instituto TED e da Assessoria do Ministério da Saúde, proporcionando suporte valioso durante as discussões. Os grupos foram formados com integrantes diversos, permitindo uma ampla troca de ideias e experiências. A relatoria de cada grupo ficou a cargo de participantes que garantiram o registro e organização das contribuições.

Ao final da plenária, a organização expressou gratidão pela presença de todos e desejou um dia produtivo de trabalho, frisando a energia do evento e a colaboração coletiva, que certamente impulsionarão o desenvolvimento do Observatório, fortalecendo sua missão de promover a saúde e o bem-estar da população negra. Agradeceu a todos pela participação e pela dedicação a essa causa tão significativa.